

PROLIFERANDO IMAGENS A SEMIÓTICA DE PAPA-CAPIM

*Simone Zied Pinheiro (UFSCar)
Rejane Cristina Rocha (UNESP)*

RESUMO

Por intermédio de uma história em quadrinhos, "Objeto encontrado não identificado", discute-se a teoria semiótica, levando-se em consideração o signo triádico peirceano, o objeto segundo Moles e a questão da impregnação do analógico pelo digital no signo, proposta por Barthes.

PALAVRAS-CHAVE: Signo triádico; objeto analógico; digital.

INTRODUÇÃO

A busca pela interpretação pode ser considerada um dos primeiros questionamentos humanos. A indagação "o que significa isso?" persegue o ser humano antes mesmo que ele possa formular tal pergunta verbalmente. Essa busca pode ser bem exemplificada pela história em quadrinhos (HQ) "Objeto encontrado não identificado". Nela, o pequeno índio Papa-Capim encontra essa mesma indagação diante de um objeto que lhe é estranho. A angústia expressa em seu rosto acaba por contagiar também sua comunidade tribal, que passa a produzir diversos significados por meio de um único objeto.

É preciso responder à questão "o que é isso que está diante de mim?", pois ela, que tem um cunho filosófico, é a mesma que se encontra em todo o ser humano. O que esta HQ faz é evidenciar a busca por uma interpretação da realidade que nos circunda.

Portanto, o que se propõe neste artigo não é uma análise aprofundada nem mesmo um inventário da teoria semiótica, mas sim uma reflexão a propósito de pontos que, suscitados pelas nossas leituras, julgamos importantes no quadro da referida teoria.

Acerca desses pontos da teoria semiótica, optamos por uma metodologia empírico-indutiva, caminhando do particular para o universal; ou seja, partimos de uma história em quadrinhos ("Objeto encontrado não identificado") – que julgamos como “verdadeira aula de semiótica” – em direção à teoria propriamente dita.

O corpus conceitual, então, será tratado no decorrer das análises suscitadas pela história em quadrinhos (HQ) escolhida. Recortaremos alguns conceitos-chave, como: *signo*, *semiose ilimitada* (ambos segundo Peirce), reflexões acerca do *objeto* (na concepção de Moles), relações entre *analógico* e *digital* (segundo Barthes). Algumas dessas precisões conceituais tornam-se necessárias para escaparmos das armadilhas polissêmicas que permeiam muitos dos conceitos semiolinguísticos. Quanto ao corte epistemológico na semiótica, privilegia-se a questão do objeto: é por meio dele que se estudará o signo.

PROLIFERANDO IMAGENS: A SEMIÓTICA DE PAPA-CAPIM

Impregnando o analógico pelo digital

"Objeto encontrado não identificado" é uma história apenas icônica, ou seja, é um texto não-verbal, sem os tradicionais balões das HQs.

O que se narra é a história de um objeto encontrado por um curumim chamado Papa-Capim. Ele leva o objeto – que o leitor sabe tratar-se de um aviãozinho de brinquedo – para diversos membros de sua aldeia a fim de analisarem o que ele significa.

É interessante observar que, menos preocupados com a função do objeto encontrado, os índios querem, mesmo, é entender o seu significado na cultura do "homem branco". Sabemos que Papa-Capim identifica o objeto como pertencente a uma outra cultura que não a sua, nem das tribos vizinhas, e que não se trata de algo da natureza.

Cada um dos índios que toma contato com o objeto atribui a ele um sentido diferente, chegando a uma calorosa discussão. Por fim, um menino branco – provável dono do objeto – encontra o aviãozinho e, ao brincar com ele, revela para a tribo atônita seu sentido convencional. Posteriormente, para se ter um efeito final cômico, a mesma dúvida intrigante é suscitada por um objeto indígena em um grupo de antropólogos.

Se pensarmos no signo peirceano como uma combinação triá-

dica em que um dos elementos é o *objeto*¹ e que o seu sentido é construído por meio do *representamen*² e do *interpretante*³ – os outros dois correlatos do signo –, o percurso narrativo dessa HQ metaforiza o modo como um objeto assume um determinado significado.

O signo aviãozinho produz diferentes sentidos na mente de cada índio que entra em contato com o brinquedo: a pequena índia o interpreta como um adorno para cabelos; o outro curumim, como instrumento musical; o pajé, como artefato místico; e o índio adulto como um utensílio cortante. A interpretação do objeto varia de acordo com a realidade e prioridades de cada índio. Tal objeto antes de adquirir um caráter funcional, tem um valor significativo, pois remete à própria individualidade cognitiva de cada um deles.

Essa "plurinterpretação" é possível porque o *representamen* do signo aviãozinho é ausente para os membros da tribo que o manipulam. Se não há uma identificação definitiva do objeto, cada um que com ele toma contato pode atribuir-lhe a acepção que bem entender. Em suma, o *representamen* está ausente no interior dessa historinha pelo fato de que os índios não identificam o objeto em questão, por isso ele pode assumir uma série de significados.

Prova da ausência do *representamen* do signo aviãozinho, é o fato de que a fruta, colhida por Papa-Capim, possui um *representamen* expresso, apesar de estar na mesma HQ e de em nenhum momento ser nomeada verbalmente. Portanto, é a postura de Papa-Capim e de sua amiga diante da fruta que mostra que esta é identificada por eles.

Essas diversas acepções expressam muito a respeito de quem é o doador de sentido que, para compensar a ausência do *representamen*, demonstra os diferentes significados possíveis do objeto por

¹ Segundo Peirce, o objeto de um signo é aquele que "pressupõe uma familiaridade com algo de sorte a veicular alguma informação adicional concernente a esse algo". (PEIRCE, 1975, p. 96).

² O *representamen* "é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém". (PEIRCE, 1975, p. 94)

³ O *interpretante*, terceiro correlato do signo, é aquele que "dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou, talvez, um signo melhor desenvolvido". (PEIRCE, 1975, p. 94)

meio de gestos. A pequena índia entende o objeto como um adorno e o expõe como tal ao desfilar com ele preso nos cabelos; o Papa-Capim identifica o objeto como um instrumento para alcançar outras coisas e explica o seu sentido, colocando-o em uso; e mais ainda: sabemos que o índio mais velho - cuja cabeça é ornada por plumas - é um pajé, não só por estas particularidades, mas, sobretudo, pelo fato de conceber o significado do aviãozinho numa dança ritualística.

A ausência do *representamen* abre espaço para uma visível semiose ilimitada, pois a carga conotativa do signo aviãozinho admite várias possibilidades de interpretação, ou seja, "todo o conjunto das constelações de atributos que vem carregar o signo ou as reuniões de signos" (Moles, 1972, p. 19) surgem pela multiplicidade de possibilidades que a falta de um *representamen* fixo produz. No entanto, é preciso esclarecer que a semiose ilimitada ocorreria independentemente da ausência ou presença do *representamen*. Mas a ausência deste correlato potencializa a explicitação dos múltiplos *interpretantes*. Prova disso é o fato de os índios buscarem diversos *interpretantes* no intuito de também encontrarem um *representamen* que veicule o sentido do objeto que têm diante de si.

Para Barthes (1982, p. 25), a questão da semiose ilimitada ou a sucessão de *interpretantes* é entendida como um processo analógico, que consiste na produção de *interpretantes ad infinitum*. Por isso, em *Elementos de Semiologia* (1996, p.55), o autor propõe uma "impregnação do analógico pelo digital", ou seja, a busca de uma precisão que, em meio à subjetividade, possibilite um estudo profícuo do signo. A HQ metaforiza esse processo quando narra as diversas investidas dos índios em direção ao objeto não identificado. Ou seja, o objeto que gera distintos *interpretantes* na mente de cada índio - e por isso mesmo apresenta-se como um objeto analógico - deve ser impregnado pela objetividade, pelo digital. O digital é, portanto, aquele elemento que confere a essa gama de possibilidades uma sistematização para a análise do objeto.

Retomando os conceitos peirceanos, o que acontece durante esse processo de busca do *representamen* e, conseqüentemente do *interpretante*, é que não existe ainda um signo definitivamente construído ou formado. Isso porque entendemos o signo como Peirce o descreveu, ou seja, como uma relação triádica entre *representamen*, ob-

jeto e interpretante e, no caso, apenas o *objeto* está definido para tribo. Em suma, o processo narrativo da HQ tematiza a relação triádica entre os correlatos do signo.

Deixando a macro discussão e pensando em uma especificidade do signo, esta HQ apresenta uma série de signos indiciais com os quais não nos preocuparemos, posto que eles apenas ajudam a compor o cenário, tais como as cores utilizadas para compor o fundo dos quadrinhos, que informam que é dia e que não está chovendo.

Vamos nos ater, então, aos principais signos orientadores icônicos e simbólicos, como o ícone aviãozinho e os símbolos da nota musical e do assobio.

Percebe-se que há uma tentativa, por parte dos índios, de encontrar um elemento orientador para o objeto não identificado: já que o *objeto* por si só é desorientador para a comunidade em questão, ela desenvolve uma orientação de outra ordem, a saber, uma orientação icônica. O aviãozinho adquire uma feição enigmática para a comunidade em razão de sua não-decodificação pelo grupo, o que o torna um objeto desorientador. Para suprir essa deficiência diante do objeto, a comunidade estabelece orientações icônicas, valendo-se de gestos para identificar o objeto em questão: o modo encontrado por ela para explicar o signo aviãozinho é colocá-lo em funcionamento.

Por outro lado, os símbolos da nota musical e do assobio são extremamente orientadores. Observe-se que o símbolo musical possui um duplo aspecto: é, ao mesmo tempo, um símbolo do som emitido no interior da HQ (relacionado aos índios que o ouvem) e um símbolo de notas musicais (relacionado ao leitor que o vê). No interior da HQ – que é a dimensão que mais nos interessa –, o som produzido pelo aviãozinho orienta Papa-Capim e sua amiga para a impossibilidade desse ser um instrumento musical, posto que produz um som ruim - o que é percebido pelo leitor pela aparência distorcida das notas musicais.

No que diz respeito ao símbolo assobio, percebe-se que ocorre também o duplo aspecto assinalado acima. A comunidade indígena aceita o aviãozinho como objeto lúdico quando percebe a apropriação do objeto pelo garoto branco e o assobio é um símbolo orientador porque expressa a afinidade e familiaridade do garoto com o seu

objeto.

Segundo Peirce (1975, p. 105), há, na prática, apenas dez possibilidades de arranjo de classes de signos. Numa situação cotidiana, o aviãozinho seria um *sin-signo icônico (remático)*, porque seria um signo concreto, que é representado por uma figura que muito se assemelha ao objeto e produz na mente do interpretador uma idéia determinada. No entanto, o aviãozinho da HQ passa a ter uma série de *interpretantes* distintos, informando o que é prioridade ou o que se passa na mente de cada um dos índios quando estes entram em contato com o objeto. Assim, o *sin-signo icônico*, que para Peirce só pode ser *remático*, passa a ser *discente* por veicular os diversos sentidos que o objeto passa a ter na mente de cada índio. Não é, contudo, um *argumento*, por não produzir uma explicação do porquê o aviãozinho é tal tipo de instrumento ou outro qualquer. É importante frisar que Peirce, e mesmo Nöth, não concebem um *sin-signo icônico dicente* porque eles tratam de signos identificados, mas o aviãozinho de brinquedo é um signo ainda não decodificado pela tribo indígena da historinha.

Papa-Capim não papa tanto capim assim...

Se para Peirce (1975, p. 99) o objeto é um dos correlatos do signo, em Moles (1972) esse mesmo termo será tratado de forma diferente. Moles investiga uma outra questão: a do objeto concreto com tamanho e natureza específica, que se encontra fora do sujeito e para o qual este último tende. Neste sentido, o objeto é fruto do labor humano; ele não faz parte do universo da natureza. Além disso, Moles confere ao objeto a característica de ser facilmente manipulável e locomóvel, o que expulsa desta categoria casas ou móveis excessivamente pesados.

Assim, o avião de brinquedo é um objeto também na concepção de Moles, visto que ele é um vetor de comunicação, ou seja, o objeto é,

no sentido sócio-cultural do termo, elemento de cultura (...) é a concretização de um grande número de ações do homem, da sociedade e se inscreve no plano das mensagens que o meio social envia ao indivíduo ou, reciprocamente, que o *homo faber* subministra à sociedade global. (...) A própria existência do objeto é, portanto, mensagem de um indivíduo a

outro, do coletivo, criador ou vendedor, ao particular. (MOLES, 1972, p. 11)

Entretanto, essa comunicação encontra-se truncada, já que o aviãozinho tem o seu sentido alterado, pois se encontra em posse de uma comunidade que não domina o seu uso, sua confecção e nem mesmo a sua criação. Por ser um objeto não identificado, o avião perde sua função e sentido originais para admitir outros não concebidos pela sociedade que o produziu.

Interessante é perceber que esse procedimento investigativo que leva a tribo indígena a questionar e conferir significados ao objeto é o mesmo levado a cabo, no último quadrinho, por um grupo de antropólogos que analisa um objeto indígena. Este, totalmente estranho à comunidade à qual os antropólogos pertencem, sofre a mesma alteração do sentido que o outro objeto, avião de brinquedo, sofrera.

A análise realizada pela tribo indígena também pode ser considerada antropológica, porque procura entender qual é o significado "real" do objeto na sociedade que o confeccionou. E a avaliação do objeto em questão é feita valendo-se do próprio referencial que os índios possuem: a tribo experimenta, discute e levanta hipóteses no intuito de encontrar o sentido do objeto.

No desenrolar das ações dos índios, observa-se que, de início, Papa-Capim faz a descoberta do objeto, constatando que o mesmo não é identificado. Logo a seguir, começa por observar o objeto em questão. Aos poucos, Papa-Capim reúne um grupo para investigar a utilidade do objeto, o que suscita uma discussão calorosa com o desenvolvimento de hipóteses e de diferentes teorias. E, por fim, descobre-se o sentido que o objeto possui em seu contexto. Este é o mesmo tipo de procedimento e metodologia utilizados na investigação promovida pelos antropólogos em relação ao objeto indígena não identificado, com uma significativa diferença: enquanto a tribo indígena procurava contextualizar o significado do objeto em sua própria cultura, de acordo com os seus próprios referenciais práticos e cognitivos, o grupo de antropólogos investiga o significado do objeto indígena tomando por base não a sua cultura, mas a cultura da qual este é proveniente e, da qual, o grupo já tem algum conhecimento. Prova disso é que, no último quadrinho, o grupo de antropólogos discute o significado do objeto em questão remetendo-se à tribo in-

dígena e às possíveis utilizações do objeto em seu contexto.

Para Moles (1972, p. 11), o objeto assume diferentes aspectos no modo de comunicação. Ele pode ser um portador de forma e as formas do aviãozinho e do objeto indígena produzem reações e estimulam reflexos motores. Por exemplo, ao passo que o formato das asas do avião pode sugerir a um dos membros da comunidade que se trata de um objeto cortante, visto que se assemelha ao de uma lâmina, no caso do objeto indígena, o formato alongado da haste sugere ao homem branco tratar-se de um instrumento de sopro.

O objeto também promove uma determinada cultura. É precisamente por causa dessa cultura produzida que nem índios, nem antropólogos conseguem uma identificação acertada do objeto em questão. Desvendar sua "real" utilidade é também descobrir a conotação que assume no seu contexto de origem; é desvelar a cultura desse objeto.

Um outro aspecto distinto que o objeto assume como modo de comunicação relaciona-se com o "contato humano interindividual" (Moles, 1972, p. 12) que ele proporciona. "O objeto é mais ou menos personalizado, mais ou menos assinado, menos por seu criador que por seu remetente." (Moles, 1972, p. 12) Mais do que o tipo de contato humano sugerido por Moles, trata-se aqui de um "contato humano interindividual" de um tipo específico: é um contato humano cognoscente, já que a comunidade indígena se reúne em torno do objeto para descobrir, conhecer e debater o seu significado.

Conclusão: Objeto encontrado. Identificado?

O questionamento em que se apóia o título acima é relevante e antes de discuti-lo é necessário que se percorra, que se precise, o conceito de identificar.

Entende-se por identificar, segundo o dicionário *Michaelis* (1998) o ato de "tomar ou declarar idêntico; considerar duas coisas como idênticas, dando a uma o caráter da outra". A identificação do signo ocorre porque há uma equivalência entre o *representamen*, o *objeto* e o *interpretante*.

No entanto, na HQ analisada, o aviãozinho não é identificado

inicialmente por dois motivos: se por um lado há um problema de cognição do objeto em questão, por outro lado há a questão da volição da tribo indígena que com ele toma contato. O objeto aviãozinho não é conhecido pelos índios e, por isso, não há uma unanimidade quanto à sua funcionalidade, quanto à sua significação. Além disso, o objeto está à mercê da volição de cada um dos índios que o manipula.

Percebe-se, então, que a questão central não é se a tribo indígena consegue ou não identificar o objeto - já que na verdade a tribo produz várias identificações, de acordo com a volição de cada um de seus membros - mas se ela é ou não capaz de chegar a um acordo a respeito desta identificação plural.

A unanimidade só ocorre porque o menino branco, ao manipular o objeto aviãozinho, transmite à tribo a sua familiaridade, intimidade com ele. O garoto tem a autoridade do conhecimento, por isso pode conferir ao objeto uma identidade "definitiva".

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. A escrita do visível. In: —. *O óbvio e o obtuso*. Coleção signos. Trad. Isabel Pascoal. Lisboa : Edições 70, 1982.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. 11 .ed. São Paulo : Cultrix, 1996.
- MICHAELIS*: moderno dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo : Melhoramentos, 1998.
- MOLES, Abraham A. Objeto e Comunicação. In: — et al. *Semiologia dos Objetos*. Trad. Luiz Costa Lima. Petrópolis : Vozes, 1972.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica*: de Platão a Peirce. São Paulo : Annablume, 1995.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. 2. ed., São Paulo : Cultrix / E-dUSP, 1975.
- SOUSA, Maurício de. Objeto Encontrado Não Identificado. In: —. *Revista Chico Bento*. São Paulo : Globo, n. 318, março/1999, p. 20-3.